



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

TECNOLOGIA, LEITURA E O PIBID DE LETRAS

Marcos Vitor Prado de Góes
pradovmarcos@gmail.com

Neli Porto Soares Betoni Escobar Naban
rf5670@ucdb.br

Resumo: este trabalho com metodologia bibliográfica e de campo buscou disseminar a importância da leitura como formação pessoal e como veículo cultural. Fundamentou-se em Kenski (2007) quem dialoga reconhecendo o livro como uma das primeiras tecnologias do mundo. Veraszto *et al.* (2009, p. 21) afirma que “a história do homem iniciou-se juntamente com a história das técnicas, com a utilização de objetos que foram transformados em instrumentos diferenciados, evoluindo em complexidade juntamente com o processo de construção das sociedades humanas”. Segundo dados apresentados pelo IBGE no ano de 2016, o brasileiro lê em média 2,43 livros por ano. Frente ao problema do incentivo à literatura, executaram-se ações em sala de aula aos alunos do ensino médio através do PIBID de Letras da UCDB. Questionamos os alunos sobre o seu desinteresse pela leitura e, após, sugerimos uma atividade em que teriam eles que produzir algum material que abordasse as características do Pré-modernismo brasileiro. Ao final, foram convocados a mostrar suas produções.

Palavras-chave: Livro, Tecnologia, PIBID.

1 Introdução

Buscando disseminar a importância da leitura como formação pessoal e como veículo cultural, buscou-se, através do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), desenvolver uma ação em sala de aula que discutisse tais aspectos. Para nortear



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

nossa discussão, fizemos a escolha de um autor cuja obra seria o encaixe desta proposta a ser desenvolvida.

Durante a construção deste artigo percebeu-se a possibilidade de reconhecer o livro como uma ferramenta tecnológica, pensando então o quão interessante seria levar esta informação para a sala de aula em um momento de fomentação à leitura, já que a concepção de tecnologia está geralmente atrelada a avanços de maquinários e aparelhos cotidianos. Norteados por isso, optou-se em trazer referencial teórico em defesa desta relação e conceitualização (livro – tecnologia).

Pensamos em tecnologia como aquilo desenvolvido pelo homem ao longo dos tempos e que se criou a partir de uma necessidade de melhora da sua vivência. Kenski (2007) nos fundamenta ao dizer que, para os primitivos, por exemplo, a intencionalidade em criar algum novo objeto que facilitaria suas vidas, tangia o ramo da caça e da proteção contra animais e outros povos. Em contraste, pensando no público adolescente, podemos dizer que os aplicativos mais chamativos e com mais possibilidades de exploração, são as criações que atendem suas necessidades, neste caso, a comunicação com o outro e o compartilhamento de momentos da vida, ou seja, objetivam a interação e o entretenimento.

Para dizer sobre a trajetória histórica do livro, fazemos uso do pensamento de Bessone (2009, p. 97), que afirma que “Suas primeiras formas variaram de tabuinhas de cerâmica a rolos de papiros e seu formato moderno definiu-se na Europa medieval”, reiterando, dizemos que através deste mesmo fragmento do autor, podemos conferir o quão antigo é este objeto. Caldeira (2002) diz que em 1442, após a invenção de Gutenberg, o primeiro exemplar foi impresso em uma prensa. A quantidade de publicações, porém, só sofre significativo crescimento a partir do século XIX, quando o papel torna-se mais barato.



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

O livro é uma “[...] importante fonte de crescimento pessoal e de entretenimento” (PEREIRA, 2016, p. 6). Ao exercer influências sobre um sujeito, o livro pode abandonar o posto de condutor individual a partir do momento em que, mudado pelas novas informações absorvidas, o leitor passe a contemplar o mundo com outros olhos. Reconhecendo esse potencial de mudanças sociais, não atoa fora uma bíblia o primeiro livro a ser impresso por Gutenberg.

A partir disso, então, nos torna possível entendermos o livro como uma tecnologia, já que ele supre no ser humano necessidades intelectuais, imaginativas, cognitivas e de aprendizados. Através dele nos é permitido tanto relaxar, quanto exercitar a mente.

Munidos desses saberes, no momento de execução da nossa proposta em sala de aula contemplamos os alunos como agentes produtores de conteúdo, propondo uma atividade que desenvolve-se este lado de suas personalidades; também frisamos o quanto a profundidade e a concentração são importantes para alcançar o total desfrute desta prática tão antiga, e que, ao que parece, tão cedo não será esquecida ou cairá em desuso.

2 Referencial teórico: tecnologia e leitura

É comum ser abordado pela palavra “tecnologia” e logo sentir referências mentais que apontem para algum modelo de celular, um eletrodoméstico, um novo aplicativo, redes sociais, máquinas, ou até mesmo um novo sistema de segurança. Tecnologias estão intrinsecamente ligadas ao avanço; quando não literalmente, estão por associações que nossa mente já está acostumada a fazer numa conjugação futura.

Segundo Santos e Moraes (2009, p.1), “os recursos tecnológicos modificam a forma de viver de grande parte da humanidade”. O que confirmamos ao olharmos à nossa volta: a foto deixou, em sua maioria, de ser revelada por meio de polaroides, as contas passaram a ser



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

pagas por meio de um aplicativo celular, não se faz mais necessário ir até o supermercado para abastecer a despensa de casa e notícias de uma pessoa distante não chegam através de cartas. As mudanças sociais estão “[...] diretamente ligadas às transformações tecnológicas da qual a sociedade se apropria para se desenvolver e se manter” (KOHN; MORAES, 2007, p. 1), dessa forma, uma sociedade que não caminha ao passo das evoluções tecnológicas sujeitadas pela globalização se mantém à sombra das que acompanham.

Para Kohn e Moraes (2007, p.1) hoje “[...] a sociedade passou a ser denominada não por aquilo que é ou pelos seus feitos, mas a partir dos instrumentos que passou a utilizar para evoluir”. Computadores, celulares, televisão e até os meios de transporte dizem muito sobre o padrão de vida social de um lugar atualmente.

Kenski (2007, p. 15) ao dizer que, “As tecnologias são tão antigas quanto a espécie humana”, nos provoca a pensar o conceito de tecnologias nos tempos passados. Todo período fora marcado de algum jeito por alguma ferramenta que trouxe revoluções e mudanças significativas para aquele momento.

Outro que também nos incita à reflexão é Veraszto *et al* (2009, p. 21) afirmando que “a história do homem iniciou-se juntamente com a história das técnicas, com a utilização de objetos que foram transformados em instrumentos diferenciados, evoluindo em complexidade juntamente com o processo de construção das sociedades humanas”. Exemplificando, podemos citar a prensa, que reformulou a maneira de veicular informações, os automóveis que aposentaram as carroças, a geladeira que estendeu a conservação dos alimentos, etc. Muitos avanços foram possibilitados graças ao auxílio de alguma tecnologia.

Dialogando com o passado primitivo da humanidade, Kenski (2007) mostra que nossos ancestrais, desde o tempo das cavernas, já buscavam por algum recurso que os ajudaria a se protegerem, lutarem e predominarem. Segundo Kenski (2007, p. 16) “Um momento revolucionário deve ter ocorrido quando alguns grupos primitivos deixaram de lado



integraead.ufms.br



integraead@ufms.br



[@integraead](https://www.instagram.com/integraead)



bit.ly/falecomintegraead

6 a 9 de Outubro de 2020
Campo Grande - MS



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

os machados de madeira e pedra e passaram a utilizar lanças e setas de metal para guerrear”. Vemos então que as tecnologias da época desses sujeitos transfiguram-se em suas ferramentas de caça e defesa, já que estas, quando confeccionadas, trouxeram avanços para o povo que delas faziam uso.

Enquanto que, para os primitivos, a intencionalidade em criar algum novo instrumento que facilitaria suas vidas tangia o ramo da caça e da proteção contra animais e outros povos, para os navegantes, por exemplo, a criação das caravelas partiu da sede por conquista. As tecnologias abordam diferentes áreas do interesse humano.

É partindo deste princípio, de que **tecnologia** pode ser entendida como aquilo que o homem desenvolveu ao longo dos tempos visando alguma melhora de sua vivência, seja como coletivo ou como indivíduo, que nos afunilamos para o objeto livro.

O livro é uma das mais antigas tecnologias humanas. Como mostra Bessone (2009, p. 97) “Suas primeiras formas variaram de tabuinhas de cerâmica a rolos de papiros e seu formato moderno definiu-se na Europa medieval, nas bibliotecas dos conventos, primeiro como pergaminhos costurados e pintados como iluminuras, mais tarde como papéis encadernados”. Com a invenção da prensa, os livros ganharam maior disseminação, uma vez que anterior a ela, os copistas eram os responsáveis por dar vida a mais de uma publicação; esta tarefa levava muito tempo, assim limitando a quantidade dos objetos em circulação.

Caldeira (2002) diz que após a invenção de Gutenberg, em 1442 foi impresso o primeiro exemplar em uma prensa. É, entretanto, no século 19 que a oferta do papel aumenta alavancando consigo a quantidade de publicações, uma vez que o papel torna-se mais barato.

O livro possibilita, Segundo Kenski (2007) que um autor apresente informações através da sua ótica sobre determinado assunto, deixando assim o leitor propício a persuadir-se por aquilo que está lendo. Através desta função emotiva, o livro pode ser visto



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

como um forte propagador de opiniões e informações, estas mais esmiuçadas que, por exemplo, em uma coluna de revista, uma vez que os livros têm mais páginas para que o discurso seja vendido.

Prova a esta persuasão exercida pelo livro constatamos numa rápida pesquisa na internet que nos mostra os livros que mudaram o mundo. Dentre os colocados citamos “A República” de Platão, responsável ainda hoje por embasar políticas governamentais em todo o mundo; “Senso comum” de Thomas Paine, que à época da colonização inglesa falou publicamente sobre os conceitos de liberdade e tirania nos Estados Unidos; e “A reivindicação dos direitos da mulher” de Mary Wollstonecraft, quem ao final do século XVIII buscou elucidar os direitos das mulheres.

Pautando nosso referencial teórico nos pensamentos de Kenski (2007), entendemos o livro como uma tecnologia que nos permite adquirir conhecimento, e vendo a prática da leitura como algo a ser estimulado, pensou-se em trabalhar, durante o PIBID de 2019, a fomentação desta tecnologia em sala de aula.

3 Procedimentos metodológicos

Este trabalho aborda tanto metodologias bibliográficas quanto metodologias de campo, uma vez que para fundamentações teóricas buscou-se artigos, teses e livros, e os resultados apresentados partem de uma interação em sala de aula feita com alunos do ensino médio. Buscando disseminar a importância da leitura como formação pessoal e como veículo cultural, construiu-se através do PIBID uma ação em sala de aula que discutiria tais aspectos.

Foi pensado, primeiramente, um autor a se trabalhar em sala de aula para tecer a discussão, utilizando como exemplificação da tal importância por nós defendida uma obra deste escolhido. Optou-se por “Os Sertões” de Euclides da Cunha, já que outro ponto a ser



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

abordado em sala de aula fora o Pré-modernismo, este demandado pela professora coordenadora do PIBID de Letras da UCDB. A ação em sala de aula configurou-se em uma atividade que propunha aos alunos desenvolverem sozinhos ou em duplas, algum material (escrito ou falado), que abordassem as características deste momento de transição da literatura brasileira.

4 Leitura no Pibid de Letras

Segundo dados apresentados pelo IBGE no ano de 2016, o brasileiro lê em média 2,43 livros por ano. Por isso então, faz-se necessário ações como as desenvolvidas pelos acadêmicos do curso de Letras da Universidade Católica Dom Bosco, por intermédio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), de adentrar em sala de aula a fim de discutir e levar conscientização aos jovens, mostrando a eles a importância desta prática em desuso.

O livro tem a habilidade de fortalecer a imaginação, conceber reflexões, fundamentar opiniões, ilustrar faces da sociedade, hipotetizar situações e realidades, dar nome a sentimentos não nomeados, enriquecer o vocabulário, mostrar pontos de vista distintos de um mesmo assunto, dialogar com o cerne do ser humano, enfim, é uma “[...] importante fonte de crescimento pessoal e de entretenimento” (PEREIRA, 2016, p. 6). Ao exercer influências sobre um sujeito, o livro pode abandonar o posto de condutor individual a partir do momento em que, mudado pelas novas informações absorvidas, o leitor passe a contemplar o mundo com outros olhos.

Como diz Pereira (2016, p. 6) “Esses fatores também ajudam a criar estofos para uma formação humana e crítica que, numa dimensão coletiva, aliada à educação de qualidade, pode conduzir ao progresso”. É como bem diz o ditado popular, que uma andorinha só, não



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

faz verão; necessitamos, quando trabalharmos ações e políticas públicas que tenham como objetivo semear leitores brasileiros, de “aliados” neste processo. Com isso, a comunidade deve estar inserida no processo, os pais, a política, a economia, a sociedade em seu mais alto grau de coletividade. Ao ver o entorno disparar incessantemente estímulos que frisam os prazeres da leitura, o indivíduo passará a se interessar.

Ao discorrer sobre esta aliança, Pereira (2016), explica-a dizendo existir um tripé essencial para que o êxito seja alcançado. Este é formado por: família, Estado e sociedade. Ao primeiro, cabe o papel de influenciar. Ao segundo, “[...] cabem os investimentos a longo prazo em educação, o empenho na formação de professores e mediadores de leitura, os esforços para a implementação do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e o fortalecimento do sistema de bibliotecas públicas” (PEREIRA, 2016, p. 6). Ao último, acarretar programas e projetos que ecoem os nutrientes trazidos pela prática. Dialogando com Pereira (2016) trazemos a fala de Neto (2016):

A decisão e a real implantação de programas públicos de formação de leitores plenos, em escala nacional e como política pública, são, antes de tudo, parte de uma determinação governamental ampla de inclusão e reconhecimento de direitos que só se efetiva em uma sociedade e em governos francamente democráticos e com foco no desenvolvimento social e econômico voltado para a maioria da população (NETO, 2016, p. 60-61).

Quando então temos projetos como o PIBID, que permite que futuros docentes trabalhem ações que buscam fortalecer a prática, temos o Estado proporcionando que uma comunidade atinja sujeitos a ponto de torná-los influenciadores.

Quando questionados sobre o desgosto por leitura, os jovens carentes deste hábito, alegam que “[...] preferem o cinema e a televisão que identificam com a modernidade, a rapidez e a facilidade; ou preferem a música, o esporte, que são prazeres compartilhados. O



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

livro estaria ultrapassado [...]” (PETIT, 2008, p. 17). Sendo assim, não podemos culpar unicamente a falta de interesse dos jovens e a abordagem exercida dentro do ambiente escolar, sendo que o caminhar social acaba por contribuir com a infrequência literária. Num mundo onde as horas de um dia são, às vezes, insuficientes para as demandas do cotidiano, e tudo a nossa volta nos conecta à vida do outro, “Certos escritores também temem que [...] ninguém mais queira saber desse território íntimo que é a leitura, dessa liberdade e solidão que, aliás, sempre assustaram os seres humanos” (PETIT, 2008, p. 17).

Vemos assim que Pereira (2016) enche-se de razão ao alegar a importância de uma coletividade para desabrochar leitores; a “[...] união de forças faz com que a disseminação e o fortalecimento da leitura sejam um compromisso de todos” (PEREIRA, 2016, p. 7). Segundo Failla (2016, p. 20), “Ler é uma prática que exige ficar só, que pede concentração, não oferece estímulo multimídia, mas, principalmente, pede o domínio da competência leitora e do letramento”.

Para Freire (2008, p. 4) “[...] a obra literária é um campo de jogo e iluminação, em que as realidades se colocam como âmbitos da vida. Interpretar uma obra seria, então, entrar em jogo com ela, refazendo suas experiências-chave e sendo iluminado por suas intuições originais”. Pereira (2016) completa dizendo que:

segundo os resultados, quem tem o hábito de ler escrever mais, passeia mais em parques e praças, pratica mais esportes e se reúne mais com a família e os amigos do que aqueles que não leem. Não há nada de romântico, portanto, em afirmar que quem lê é mais feliz (PEREIRA, 2016, p. 8).

Práticas de letramento proporcionam aos sujeitos pensar como os efeitos de verdade são construídos, possibilita assim pensar no porquê das coisas e por quais interesses são guiadas. O ensino na escola deve contribuir de maneira que o aluno “desenvolva certas competências básicas para o trato com as línguas, as linguagens, as mídias e as múltiplas



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

práticas letradas, de maneira crítica, ética, democrática e protagonista” (ROJO, 2009, p. 19). A leitura, além de nos envolver em informações e exercitar o cérebro, tem também

[...] o poder de despertar em nós regiões que estavam até então adormecidas. Tal como o belo príncipe do conto de fadas, o autor inclina-se sobre nós, toca-nos de leve com suas palavras e, de quando em quando, uma lembrança escondida se manifesta, uma sensação ou um sentimento que não saberíamos expressar revela-se com uma nitidez surpreendente” (PETIT, 2008, p. 7).

É interessante dizer que, quando buscamos pela formação de leitores, assim fazemos não apenas para alavancar dados quantitativos; a luta que vale a pena, é aquela que zela por “[...] formar leitores questionadores, capazes de se situar conscientemente no contexto social e, ao mesmo tempo, capazes de acionar processos de leitura, praticados e aprendidos na escola, no sentido de participar da conquista de uma convivência social mais feliz e menos injusta para todos” (SILVA, 1988, p. 64).

Objetivando este resultado, desenvolve-se na Escola Estadual Joaquim Murтинho, com os estudantes do ensino médio, rodas de conversas, para não só expor um conteúdo, mas para também observar e ouvir a maturação e opinião desses.

5 Resultados e discussões

Compreendemos os alunos como agentes produtores de conteúdo, assim prezando por uma discussão a respeito da literatura de forma diferenciada, estabelecendo a eles um perfil de não somente receptores. Quisemos mostrar também que, quando ao ler você assim o faz compreendendo as intenções do autor, o pano de fundo e sociedade qual estava este inserido, a absorção de saberes e a leitura em si se dão de maneira mais fluida. Como nos lembra Candido (2006, p. 29) “A literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre”.



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

Lima (1958, p. 354) diz que logo em 1902, foram publicadas três importantes obras que dariam rumo aos “[...] valores novos, que logo se impuseram como definitivos”. Dentre estas está *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, quem escolhemos para nos servir de fomento na atividade que desenvolvemos em sala de aula. A obra é ao mesmo tempo “[...] de história política e militar, de sociologia, de geografia e de literatura [...]” (LIMA, 1958, p. 355), para assim contar ao leitor sobre a Guerra de Canudos, povoado nordestino em busca de uma milagrosa salvação econômica e social.

Introduzidas estas informações aos alunos, apresentamos nossa proposta. Bem como diz Petit (2008, p. 26) “O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve”. Partindo disso, teriam eles que desenvolver alguma produção textual, fosse conto, crônica ou poema, um estilo não fora determinado, a exigência era que o que eles produzissem deveria conter quatro características do movimento pré-modernista. Eram as características: linguagem descritiva, exposição da realidade brasileira, regionalismo e personagens marginalizados.

Alguns alunos optaram por utilizar da oralidade para desenvolver a atividade, e como neste momento nos era de maior importância a percepção de como eles entendiam e reproduziam o conhecimento que levamos, permitimos que assim fosse feito. Interessante foi que, após a permissão, alguns abandonaram a manifestação escrita, e aqueles que haviam acatado o refúgio das palavras sentiram-se estimulados a ler aos colegas o que haviam produzido.

A respeito de uma leitura compartilhada, Petit (2008) nos mostra que:

Ao compartilhar a leitura, [...] cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma (PETIT, 2008, p. 42).



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

Dois foram os alunos que optaram pela oralidade sem auxílio escrito, e ambos trouxeram para sala esta verdade que a autora diz. O primeiro, imergiu a turma num contexto pantaneiro, com boiadas e campos alagadiços, atentando-se a descrever os animais da região e o desejo por uma vida na cidade. O segundo, um jovem carioca, esbofeteou-nos com a realidade das favelas do Rio de Janeiro, ilustrando em suas palavras o sofrimento de mães que temem perder seus filhos para o crime ou para uma bala perdida.

Críticas sociais. Regionalismo. Personagens marginalizados. Oratória descritiva. Tivemos a oportunidade de presenciar o pré-modernismo através da fala. Despeito do material escrito que resultou desta atividade, transcrevemos um trecho do poema escrito por um dos alunos:

*Era um jovem normal
Mas fazia a faculdade mais concorrida da Federal
Mas uma coisa o difere
era o seu tom de pele
Era o primeiro da classe
mas isso não fazia com que os outros o respeitasse*

Sentindo a realidade desses jovens com discursos tão carregados de significados, cabe a nós, mais do que nunca, trazê-los para o mundo do conhecimento, da leitura, para que assim eles se encontrem e se manifestem, bem como pudemos proporcionar com esta atividade. Não é somente dizer a eles que devem, é mostrar a importância por trás deste processo, fazê-los desenvolverem o papel de cidadãos com opiniões e voz a serem ouvidas, pois o que é o escritor se não alguém que busca tocar e conscientizar o outro? Elucidar os jovens de que existem pessoas que estão dispostas a ouvi-los é, também, incentivá-los a, quando diante do outro, assumirem o papel de ouvinte.



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

Num mundo de praticidade tecnológica e influenciadores digitais, é mais que válido conscientizá-los de que não basta sujeitar-se a um bombardeamento de informações, é necessário saber o que fazer com aquilo, o que você entendeu, arrebatou e como se viu em relação a tal.

6 Considerações finais

Pensar os livros como uma ferramenta tecnológica nos faz refletir sobre a importância deste objeto na nossa vida social. Traçar uma discussão elucidativa de como são as tecnologias transformadoras dos meios sociais, contribui para melhor nos aprofundarmos em reflexões a respeito do que é importante aprimorar, para quais demandas da sociedade devemos construir novos horizontes tecnológicos.

Ao tomar a leitura “como uma atividade de percepção e interpretação dos sinais gráficos que se sucedem de forma ordenada, guardando entre si relações de sentido” (AGUIAR, 2007, p. 61), observa-se que esta não é um comportamento natural do ser humano, ela precisa ser aprendida, por isso a importância de este incentivo ser trabalhado não só em sala de aula, deve transcender o ambiente escolar.

São necessárias ações coletivas em peso e que aconteçam a longo prazo, já que devido ao forte enraizamento que temos de uma cultura apática à literatura, o gosto por esta em grande escala será algo a ser colhido e noticiado anos à frente.

Declarar que os jovens não gostam de ler, em nada muda o cenário que vivenciamos, além do que, como aqui discorrido anteriormente, não cabe culpá-los inteiramente já que a evolução tecnológica modifica nosso cenário social e acaba contribuindo para o desuso do livro impresso.



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

7 Referências

AGUIAR, V. T. **Leitura e conhecimento**. Signo, v. 32, n. 53, 2007.

BESSONE, T. A história do livro e da leitura: novas abordagens. **Floema: Caderno de Teoria e História Literária**, [S. l.], n. 5a, 2017. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/floema/article/view/1758>. Acesso em: 28 set. 2020.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2006.

CALDEIRA, C. Do papiro ao papel manufaturado. **Espaço aberto**. n. 24, 2002. Disponível em: <http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0varia>. Acesso em 28 de set. de 2020.

FAILLA, Z. Retratos: Leituras sobre o comportamento leitor do brasileiro. In: Zoara Failla (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FREIRE, J. C. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 2, p. 02-09, jun. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672008000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 14 set. 2020.

LIMA, A. A.. **O modernismo brasileiro**. Revista iberoamericana, 1958.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2. ed. 2007.

KOHN, K.; MORAES, C. H. **O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceito e características da Sociedade da Informação e Sociedade Digital**. **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Santos, 2 set. 2007. Disponível em: <https://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1533-1.pdf>. Acesso em 1 de set. de 2020.

NETO, J. C. M. Retratos da Leitura no Brasil e as políticas públicas – fazer crescer a leitura na contracorrente – revelações, desafios e alguns resultados. In: Zoara Failla (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

PEREIRA, M. V. Transformar o retrato da leitura no Brasil – um desafio da sociedade brasileira. In: Zoara Failla (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016

PERROTI, E. **Confinamento cultural, infância e leitura**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1990.

PETIT, M.. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

SANTOS, C. A. S.; MORAES, D. R. S. **Tecnologia educacional no contexto escolar: contradições, desafios e possibilidades**. Paraná, 2008. Disponível em:



6 a 9 de Outubro de 2020
Campo Grande - MS



INTEGRA
EaD 2020

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2085-6.pdf>. Acesso em 13 de set. 2018.

SILVA, E. T. **Elementos da Pedagogia da Leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VERASZTO, E. V.; SILVA, D.; MIRANDA; N. A.; SIMON, F. O. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Prisma.com**: Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação. n. 8. 2009. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2065/1901> Acesso em 15 de set. de 2020